



COMPROMISSO COM O MEIO AMBIENTE

Grupo ambientalista desenvolve ações que estimulam a consciência ambiental e o compromisso sustentável

PÁG. 3



EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS

CRIANÇAS CONSCIENTES RESPEITAM AS PESSOAS E O PLANETA

PÁG. 6

ARBORIZAÇÃO NOS CENTROS URBANOS

NO RECIFE, AS PLANTAS DISPUTAM COM A URBANIZAÇÃO

PÁG. 8

SUSTENTABILIDADE E A INDÚSTRIA DA MODA

A CONSCIÊNCIA AMBIENTAL MOTIVOU UMA MUDANÇA NA INDÚSTRIA DA MODA

PÁG. 10

|Editorial|

A conscientização que pregamos para o bem do nosso mundo, é algo que deve ser replicado sempre para que a sustentabilidade possa estar no dia a dia de todos nós. A realidade ambiental hoje é algo que estamos perdendo, o verde das árvores e o coloridos das flores estão sumindo cada vez mais nas grandes cidades. Exatamente por isso, costumo dizer que cada um deve fazer sua parte para o bem da comunidade que vivemos, para que possamos ter um mundo melhor, onde a natureza possa viver sem sofrer nem um impacto das ações dos homens.

Um exemplo comum é quando falamos de consciência ambiental e o compromisso sustentável que envolve práticas pequenas ações como: plantar árvores, a reciclagem, a valorização dos rios e mangues e a preocupação de vestir consciente. Esses temas provoca tantas reflexões que decidimos explorá-lo em toda nossa edição, na qual você poderá conhecer atuação de grupos que desenvolve ação que estimula a preservação dos mangues em Pernambuco. Ações como essa são importantíssimas para a preservação do ecossistema e para a população.

Outra matéria que destaque é a memória ambiental que você quer para os seus filhos. A realidade ambiental que as crianças de gerações passadas tiveram acesso é diferente da realidade que as crianças de hoje possuem. Não deixe de ler também a reportagem da importância da arborização nos centros urbanos. Sabemos que preservar é um bem necessário por isso cultivar árvores nos grandes centros urbanos deixam as cidades mais verdes e mais bonitas. Leia também sobre a Moda Sustentável do Lixo ao Luxo, algumas grifes tem arriscado nessa nova tendência e já realizam seus desfiles com seus modelos sustentáveis. Boa Leitura!

|Sumário|



As Vozes dos Homens-Caranguejo



Qual a memória ambiental que você quer para os seus filhos?



A importância da arborização nos centros urbanos



Dando uma chance a Moda Sustentável: Do Lixo ao Luxo

| Expediente |

Editor- chefe: Aline Antunes

Diagramação: Aline Antunes, Danúbia de Holanda e Elaine Guimarães.

Revisão: Cinthia Paiva

Assistente de Redação: Gustavo Felix

Edição de Imagens: Dowglas Santana

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Matérias: Camila Rabelo, Cinthia Paiva, Elaine Guimarães e Danúbia de Holanda

Impressão: Clippes Digital

Projeto gráfico: Alunos do sexto período de jornalismo da UNINASSAU



MEIO AMBIENTE

As vozes dos Homens-Caranguejo

Foto: Júlio Silva

Grupo ambientalista desenvolve ações que estimulam

Por: Elaine Guimarães

As margens do Rio Jaboatão, na Comunidade da Maraba, localizada entre os municípios do Jaboatão dos Guararapes e Cabo de Santo Agostinho, a Associação Manguê Ferido realiza suas atividades de preservação e defesa do manguezal, juntamente com os moradores da área. O grupo, iniciado em 2003, tem o objetivo de elaborar políticas sustentáveis, promover uma consciência ecológica e recuperar a área estuarina de mangue.

De acordo com a Agência Estadual de Meio Ambiente (CPRH), o Rio Jaboatão tem 1.264 ha de área estuarina de mangue que abrange os bairros de Barra de Jangada, Curcurana, Garugi, Pontezinha e Ponte dos Carvalhos.

O manguezal é um ecossistema costeiro característico de áreas tropicais e subtropicais. As plantas que o compõe são denominadas de mangues, que apresentam três espécies principais: mangue vermelho ou *Rhizophora mangle*, mangue preto ou *Avicennia schaueriana* e mangue branco ou *Laguncularia racemosa*. 70% da vida marinha se inicia nesse ecossistema. Nele, abriga-se uma fauna diversificada composta por peixes, crustáceos, moluscos, aves e mamíferos.

O estado de Pernambuco é composto por 270 km² de floresta de mangue, que se encontra ameaçada pelo processo urbano-industrial e a exploração excessiva da fauna e flora. Além disso, a prática da pesca predatória traz riscos para o equilíbrio do bioma e para a reprodução de espécies como o ca-

ranguejo-uçá. Os resíduos sólidos, residenciais e industriais, contribuem para a degradação do manguezal. O local se torna ponto de depósito de lixo e de despejo dos dejetos de comunidades ribeirinhas, resultado da ausência de saneamento básico na área.

Sandro Florêncio, diretor da Associação Manguê Ferido e estudante de gestão ambiental, relata que a ideia de criar o projeto aconteceu após visita a comunidade. Na ocasião, ele conversou com alguns pescadores sobre a riqueza do espaço e a importância de preservá-lo.

“A pesca artesanal era feita de forma predatória, com uso de redinhas e tapagem. Não se respeitava a andata, que é o período de reprodução do caranguejo-uçá. A gente encontrava sacos cheios deles que seriam descartados. Com o tempo e muita conversa, eles deixaram de fazer isso. Ainda trabalhamos a questão do reconhecimento e proteção do caranguejo fêmea, é uma tecla que sempre batemos com os pescadores da área” afirma Sandro.

Para que os ribeirinhos e pescadores conhecessem um pouco mais sobre o bioma, foi proposta a construção de um catálogo. O objetivo era reconhecer e catalogar os tipos de vegetação, de peixes, crustáceos e outros animais que ali habitavam. Também foram levantadas a proporção de área devastada e uma estimativa de locais que poderiam ser recuperados.

Além dessas ações na Comunidade da Maraba, a Associação promove palestras em escolas, estimulando a consciência

ecológica, atividades como coleta seletiva, limpeza e visitação ao manguezal. O projeto é mantido por meio de esforço coletivo. “Cada um ajuda com o que pode. Quando precisamos de um panfleto informativo, alguém se responsabiliza por tirar as cópias. Nem sempre o número é suficiente ou legível para todos, mas fazemos o trabalho de levar a informação para a comunidade”, conta o estudante de gestão ambiental.

De acordo com o diretor da Manguê Ferido, a falta de diálogo com o poder público, ausência de políticas de preservação e conscientização dos ribeirinhos dificultam o acesso à informação. O reforço de estereótipos acerca do ecossistema costeiro, de um local perigoso, sujo e fedido, afasta a participação massiva da população no engajamento das atividades propostas pelo grupo. “A área é considerada zona vermelha, área perigosa. Isso afasta as pessoas do mangue. Não temos diálogo com o poder público, que só chega junto para reprimir, não para educar”, relata o idealizador da Associação.

Em 2011, com a instalação de um novo estaleiro no Complexo Portuário de Suape, a associação, juntamente com grupos de pescadores, catadores de caranguejo, marisqueiras e entidades ambientais, exigiram um relatório junto a CPRH dos impactos causados pela dragagem. O grupo temia a degradação das áreas de trabalho da pesca artesanal, corais e mangues. Foram 120 dias travando Suape até que uma nova resolução fosse apresentada.

Outra questão que entra na pauta de dis-



a consciência ambiental e o compromisso sustentável

cussões do projeto é o avanço da verticalização no município do Jaboatão dos Guararapes. O desenvolvimento a todo custo, negligencia os impactos ambientais e ameaça a estabilidade do mangal. “Muitas pessoas falam que a gente é contra o progresso. Na verdade, somos contra o progresso que não apresenta compromisso com o meio ambiente, que devasta e não o recupera”, expõe o diretor.

O pescador Ednaldo relata que a quantidade de peixe diminuía com o passar dos anos, consequência da poluição do Rio Jaboatão, ocasionada pelo despejo de cádmio por uma fábrica de papel próxima a comunidade.

“

**Muitas pessoas falam que a gente é contra o progresso. Na verdade, somos contra o progresso que não apresenta compromisso com o meio ambiente, que devasta e não o recupera.
Sandro Florêncio**

Homens do exército foram até a área para coletar amostras da água para investigação em laboratório. Com as propostas lançadas pela Mangue Ferido, pode-se diminuir um pouco a poluição do rio, porém, a quantidade de peixe continua baixa.

“O projeto ajudou muito. Antes, quando a gente colocava rede, ela vinha cheia de lixo. Hoje já diminuiu, já não vem esse lixo todo. O lixo tirado do rio foi reciclado e os tonéis para a coleta estão sempre cheios”, conta o pescador. Aos sábados, a associação faz uma reunião com os pescadores e moradores da Maraba que termina com a coleta de dejetos no rio e mangue.

Rodrigo Silva, morador da comunidade da Maraba, assistida pelo projeto, fala da mudança de consciência e da nova forma de se enxergar o rio, o manguezal e os seres que o habitam após a chegada do projeto. “Desde que Sandro chegou por aqui muita coisa mudou. Ele ensina a cultivar o meio ambiente e nós estamos nos esforçando para cuidar do mangue. Após as limpezas do mangue, a gente percebeu que apareceram mais caranguejos, guaiamum”, afirma o morador.

No primeiro contato com as ideias do grupo, os moradores começaram a entender a importância de preservar o ambiente em que vivem. Não houve estranhamento ou recusa por parte dos ribeirinhos, o que aconteceu foi a soma de objetivos que fortaleceram a proposta de vida sustentável. Para a gestora ambiental Helena Silva, esses projetos têm importância tanto para

uma tentativa mitigadora de preservação do manguezal e, conseqüentemente, do mangue quanto para aqueles que dependem dele. “Ações como essa são importantíssimas para a preservação do ecossistema e para a população local, pois o povo local é corresponsável pela poluição e o desaparecimento de algumas espécies. É bastante favorável essa iniciativa de equilíbrio harmônico entre as espécies e o meio”, afirma a gestora.

A ambientalista destaca também os projetos que estimulam o desenvolvimento da educação ambiental, que já faz parte da grade curricular das escolas. No entanto, frisa que tudo que envolve a participação do homem tem o seu lado negativo.

“ O fato de haver pescadores e ribeirinhos na área de mangue, apresenta uma intervenção negativa. Entretanto, temos que buscar medidas que minimizem esses impactos e isso a associação vem trabalhando junto à comunidade a fim de diminuir esses danos”, expõe Helena Silva.

A luta pela sobrevivência, o respeito ao ambiente e a mudança social e ecológica, proporcionado pela Associação Mangue Ferido, navegam nas águas do Rio Jaboatão, invadem as casas dos ribeirinhos e transformam o ambiente, considerado por muitos como hostil, em ponto de equilíbrio e harmônico entre o homem e a natureza.

Enderço da Associação Mangue Ferido: Rua Nossa Senhora do Carmo, s/n, Pontezinha, Cabo de Santo Aostinho.

Qual a memória ambiental que você quer para os seus filhos?

A educação ambiental na infância ensina o respeito ao meio ambiente e cria uma consciência sustentável

Por: Cintia Paiva

Caso você tenha trinta anos, ou mais, deve ter em sua memória algum jardim ou árvore fruteira que fez parte da sua infância. Podem ter sido as rosas do jardim da casa da vovó, o jardim na casa dos amigos, o coqueiro que ficava no quintal, as flores dos caminhos que você percorria as quais sempre serviam de presente para a mamãe, o jambeiro que além de proporcionar o fruto maravilhoso (que podia ser branco, rosa ou vermelho) ainda enfeitava tudo com suas flores cor de rosa, e, se você morasse em um apartamento ficava admirando o verde da natureza olhando da varanda ou da janela. Essas são algumas, entre inúmeras memórias que podem existir, se tomarmos como referência o nosso vasto ecossistema.

A realidade ambiental que as crianças de gerações passadas tiveram acesso é diferente da realidade que as crianças de hoje possuem. Hoje, com a urbanização e a construção das cidades verticais muito foi desmatado, muito foi perdido, os dias estão mais quentes, o verde das árvores e o colorido das flores já não estão tão presentes nos caminhos diários. Estes possuem mais prédios e grades.

Uma árvore ali outra acolá, uma varanda com flores ao alto, umas gramíneas ou fícus em frente aos prédios e umas casas perdidas que permanecem na tradição. Certo que na cidade ainda existem espaços arborizados, como, por exemplo, os parques, mas antes as pessoas possuíam “parques” particulares. Não era preciso sair de casa no fim de semana para ir passear no parque com os filhos ou viajar para lugares arborizados para ter um maior contato com a natureza. Na tentativa de suprir essa geração

ambientalmente existem algumas soluções. No campo da filosofia temos estudos que mostram a importância da educação com princípios voltados para o amor à natureza e ao meio ambiente. O alemão Rudolf Steiner, em 1919, criou a Pedagogia Waldorf a qual deu origem as escolas Waldorf também chamadas de escolas steinerianas que, entre outros princípios, defende a questão ambiental. Essas escolas podem ser encontradas em mais de 60 países.

Encontramos, na zona norte do Recife, o jardim de infância Jardim Alecrim Recife que abrange crianças de 9 meses a 6 anos, a diretora e professora da instituição Janise Paiva diz que “A forma de abordagem na instituição não é conteudista, a criança vive os ensinamentos. A criança é olhada com respeito e é levada a ter uma afinidade com a natureza”, no Jardim as crianças são direcionadas a sentir a natureza e seu tempo. Por exemplo, ao saírem para o período de férias as crianças plantam sementes de girasol e quando elas voltam essas sementes já tem germinado.

Logo, elas aprendem não porque alguém diz a elas uma verdade, mas sim por verem que leva um tempo para a natureza se desenvolver. A diretora alerta para o quanto é importante a parceria com os pais no processo, sendo assim, a escola tem a prática de realizar reuniões pedagógicas temáticas que são consideradas como orientações familiares. É preciso, muitas vezes, educar os pais e inseri-los também nessa filosofia. A instituição realiza mutirões com pais para cuidar de hortas, pintura da escola, entre outros temas. Por exemplo, em relação a pintura: o pintor vem e faz o serviço, mas deixa uma parede para que os pais possam pintar,

segundo Janise, “ao ver os pais pintando, cuidando e zelando pela escola as crianças passam a ter a mesma postura”. Sendo assim, é importante que os pais estejam atuantes na educação, que possam não apenas passar regras aos filhos mas vive-las com eles.

Nos últimos anos, algumas escolas tradicionais estão mais humanizadas e atribuindo maior valor ao despertar da consciência ambiental infantil tanto ao apresentarem estruturas diferenciadas, sem tanto concreto, se assim podemos dizer, como proporcionando atividades que façam com que as crianças tenham um maior contato com as questões ambientais tais como, as feiras de ciências e os passeios externos. Porém, as atividades escolares não são suficientes para que as crianças tenham esse olhar e apreço pela natureza. Para que elas percebam é preciso que o núcleo familiar plante diariamente a semente na vida delas. Os filhos devem desfrutar dos entretenimentos tecnológicos que as crianças adoram, com destaque para os tablets mas o uso deve ser realizado com limite, com supervisão dos pais. No entanto, estes precisam inserir na vida das crianças a prática de atividades que favoreçam a exploração do meio ambiente, a descoberta de todos recursos que temos fruto da natureza. Entre esses recursos temos os renováveis e os não-renováveis, logo, é preciso ensinar na infância como cultivá-los. No lugar de estarem em frente à TV ou vidradas nos joguinhos eletrônicos, elas deveriam estar correndo, brincando, sentindo a vida e fazendo suas observações acerca dela.

Crianças precisam pisar no chão de terra, respirar ar puro, se banhar em rios, regar hortas e colher frutas nas árvores, pois,



Foto: Cinthia Paiva / Recreação na feira de agronomia

elas precisam vivenciar que a natureza não se resume a grama do prédio ou aos aplicativos eletrônicos do tema fazendinha. O funcionário público, Bernardo Nunes, pai da Beatriz de 5 anos, preza por uma educação distanciada do consumismo e urbanismo. A pequena é desde criança levada ao cultivo das plantas, brincadeiras com estímulos naturais, e tem uma alimentação baseada em vegetais, “procuro sempre ensinar a minha filha a importância de cuidar das plantas, isso é um trabalho que começa desde pequenina quando digo para não machucar as plantinhas. Nem sempre é fácil, vivemos no meio de uma cidade, onde a maior parte dos estímulos é voltada para o urbanismo e o consumismo, inclusive familiares que não têm essas convicções e convivem com minha filha, sendo uma opinião divergente do que acredito”.

Bernardo afirma ainda que a criança reage positivamente a essa forma de educação e possui atitudes surpreendentes como quando guarda sementes de todas as frutas que come, dizendo que é para não precisar comprar mais, e plantar em casa. No Recife, o estímulo à consciência ambiental infantil encontra aliados na gestão municipal. No bairro do Curado, às margens da BR 232, existem 10,7 hectares de mata atlântica que podem ser visitados gratuitamente. Nesse espaço, situado na zona oeste, funciona o Jardim Botânico do Recife o qual está vinculado à Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade. No Botânico é possível visitar os sete jardins temáticos, realizar trilhas monitoradas, participar de palestras e oficinas, além de ser uma área para lazer e contemplação da natureza. Segundo Verônica Falcão, chefe do Setor de Difusão

Científica, “Em 2016 o JBR recebeu mais de 100 mil visitantes. Incluído adultos e crianças. O trabalho de conscientização é feito pelos Arte Educadores que são ligados ao setor de educação ambiental da Secretaria de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Recife. A divulgação das ações ocorre na fanpage, nos sites institucionais e jornais locais”. Ela ainda nos falou que a média de visitantes varia conforme o período: em janeiro, mês de férias, o público foi de 16.478 e no mês de março esse quantitativo fechou em 9.059 visitantes.

A visitante Beatriz Chalegre, 6 anos, visitou o espaço pela primeira vez com a tia e estava entusiasmada ela disse “Eu respirei ar puro como eu nunca tinha respirado. Eu vi muitas flores, muitos peixinhos e gostei de tudo. Tem muito lugar para ver, muitas coisas interessantes”. Passeios assim são muito importantes para a criança, para o seu desenvolvimento e devem ser incentivados. Mas, não há oficinas e palestras apenas no Jardim Botânico. Muitas são as Organizações Não Governamentais (ONGs) e amantes da natureza que fazem suas contribuições para criar uma cultura de preservação.

A arquiteta urbanista, Luziana Medeiros acredita que a educação ambiental faz parte da educação para ela “A educação ambiental é uma educação acima de tudo. Se as crianças forem educadas com mais consciência, consciência do outro por consequente do meio ambiente, elas terão essa educação intrínseca”. Em uma feira de orgânicos no bairro de Setúbal, realizada às margens do canal, ela fez uma oficina de confecção de sementes com as crianças. As sementes eram confeccionadas manualmente utilizando argila e sementes e

depois eram jogadas no canal. Isso mostra que cada um pode contribuir socialmente, pode fazer sua parte pela melhoria do planeta.

Ao olhar para uma criança é preciso enxergá-la além da altura e idade que ela possui: é preciso enxergá-la como um agente multiplicador. Visualizar nessa criança o futuro, o adulto que será, os valores que terá e quais exemplos você quer que ela espalhe no mundo. Se você proporcionar uma infância em meio à natureza, incutindo nela a valorização e a importância de cultivar o verde ela terá esse valor com ela e com base nisso ela vai tomar as atitudes na vida adulta.

“

A educação ambiental é uma educação acima de tudo.

Luziana Medeiros

Ela vai ensinar aos filhos que o mar é maior que a piscina, e, assim como ela não pode jogar lixo na piscina, também não pode no mar. Educar vai muito além de ensinar a criança a respeitar o próximo, educar inclui respeitar as pessoas e o planeta em que vivemos.



URBANO

Foto: Elaine Guimarães

A importância da arborização nos centros urbanos

No Recife, as plantas disputam com a urbanização que só às despreza

Por: Danúbia de Holanda

Por muito tempo se acreditou que nas grandes cidades, como o Recife, elas não tinham nenhuma serventia, senão causar problemas como encostar-se às fiações elétricas e queda de folhas. Mas hoje muito se fala dessa prática nos ambientes urbanos. Arborização, este é o nome da solução para os problemas referentes à ausência de árvores na cidade do Recife.

No ano passado, o Recife concorreu ao título de cidade mais verde do Brasil e do mundo, na Conferência das Nações Unidas Habitat III, em Quito no Equador. A capital pernambucana integrou a lista após avaliações de especialistas internacionais, nas ações realizadas pela prefeitura, como os dois inventários de gases do efeito estufa produzidos no Recife, as leis de mudanças climáticas, educação ambiental e a implantação de um sistema municipal de unidades protegidas, que ampliou a área verde protegida. Contudo a cidade tem uma das áreas de proteção ambiental, arborização e presença de grama pouco densa. Temos uma das menores taxas de cobertura vegetal entre as cidades mais populosas do Brasil. No Recife é evidente a ausência das árvores e de parques verdes, se comparados com parques como o Ibirapuera, em São Paulo. O Jardim Botânico e o Parque da Jaqueira são minúsculos, possuindo 25 e 7 hectares, respectivamente, enquanto que o parque paulista tem uma área de 158 h.

Já não contamos mais com a presença das plantas no Recife, devido a isso a cidade enfrenta vários problemas, dentre eles o sol forte, que torna os passeios nas ruas cada vez mais desconfortáveis e que contribui para que o

ar torne-se excessivamente seco, favorecendo a permanência de poeira e o de ressecamento das vias respiratórias. A ausência das árvores na cidade, ainda, prejudica as pessoas durante o início das chuvas, pois muitas vezes as plantas servem de abrigo até que se encontre um lugar mais seguro.

Segundo uma pesquisa realizada pela revista Galileu, o percentual de domicílios com árvores por perto no Recife é de 60,5%. Um levantamento feito pelo censo 2010 do IBGE, listou as cidades mais arborizadas do Brasil, levando em consideração as cidades com mais de 1 milhão de habitantes. O levantamento apontou, como as mais arborizadas, cidades como Goiânia, Campinas, Belo Horizonte, Porto Alegre e Curitiba, as cinco primeiras colocadas no ranking.

Apesar de problemas como poluição do ar, e o desmatamento do cerrado, Goiânia detém 89,5% de arborização por cada 100 mil habitantes. Por isso é a mais arborizada do Brasil, são cerca de 950 mil árvores, de 382 espécies diferentes. A cidade tem 94 m² de área verde por habitante, e uma área verde por habitante quase oito vezes maior do que os 12 m²/hab. recomendados pela ONU. Além de Ipês e Palmeiras imperial, sobreira-das-sete copas compõem o cenário verde da cidade.

Goiânia conta com ações ambientais como a criação das áreas de preservação ambiental, com um plano de arborização urbana (PDAU), e com o maior programa de plantio voluntário do planeta, o "Plante a Vida", realizado pela prefeitura da cidade, que distribuiu mais de um milhão de mudas de plantas nativas do

cerrado à população da capital goiana. São cerca de 950 mil árvores plantadas somente em via pública. Atualmente, Goiânia possui 28 parques e bosques, a maioria são da responsabilidade da prefeitura que aposta no desenvolvimento sustentável da cidade. Entre os parques goianos estão o Lago das Rosas, o mais antigo parque da cidade com área de 315 000 m², que abriga o zoológico.

Já a cidade mais arborizada do mundo, Calgary, no Canadá concentrou em si 22% de gás de estufa de todo país. Foi a partir disso que a cidade criou medidas para melhorar o ambiente e hoje conseguiu esse título. Calgary conta com uma série de políticas atreladas a preservação da natureza e é a mais limpa do mundo, segundo a consultora financeira Mercer, noticia o Guardian.

Entidades não governamentais, como a associação ambiental Green Calgary, disponibilizam várias formações sobre como fazer a compostagem dos restos alimentares, como usar poucas embalagens ou que comportamentos adotar na escolha de produtos e serviços.

"A arborização urbana é importante na comercialização de imóveis sim. Lugares mais arborizados podem promover mais mobilidade. Uma cidade que valoriza o pedestre com certeza precisa de arborização e isso pode influenciar na valorização de um imóvel, até por qualidade de vida mesmo. O passeio se torna mais agradável em uma rua arborizada do que na Conde da Boa Vista, por exemplo".

Fala o estudante de arquitetura e urbanismo, Tassius Lima.

A qualidade do ar fica comprometida nas grandes cidades, devida a combustão de veículos automotores e a emissão de poluentes advindos de atividades industriais, nesse caso as árvores ajudam na absorção da poluição atmosférica, neutralizando os seus efeitos na população. É papel das árvores ainda reduzir o sol direto, favorecendo a regulação térmica das altas temperaturas e proporcionando maior conforto térmico. Nesse tipo de regulação as árvores funcionam como um climatizador de ar. Elas ainda auxiliam na atenuação sonora, quando há uma redução das ondas sonoras, causada pelas folhas, servem como abrigo no início das chuvas e ambientação para os pássaros.

A estudante de agronomia, Clésia Santos aponta que a arborização é importante pois possibilita a proximidade com a natureza em espaços urbanos além de ser um ato de saúde pois as árvores auxiliam na diminuição da temperatura absorvendo os raios solares cada vez mais intensos.

Muito se especula sobre como deve ser feita a arborização, quais critérios devem ser levados em consideração para escolher a árvore ideal, a fim de que ela não se torne um empecilho e venha prejudicar as calçadas e casas por exemplo. Podem-se utilizar espécies nativas ou espécies exóticas, mas deve-se ficar atentos às limitações de algumas plantas.

“

Uma cidade que valoriza o pedestre com certeza precisa de arborização e isso pode influenciar na valorização de um imóvel, até por qualidade de vida mesmo.

Conhecer as características e condições do ambiente urbano é muito importante para que a arborização dê certo. É preciso levar em consideração coisas básicas como, por exemplo, local, espaço disponível e as espécies que vão ser usadas. As mudas devem atingir um metro, no mínimo para irem às ruas e o plantio deve ser feito em covas grandes. Elas devem ser plantadas no período das chuvas, pois essas auxiliam no crescimento.

Segundo a associação Brasileira de Arborização urbana, para escolher a árvore ela deve ter características como:

Estar adaptada ao clima do local; ser preferencialmente uma espécie nativa da vegetação local; possuir porte adequado ao espaço disponível, não apresentar princípios alérgicos e tóxicos e evitar espécies que necessitem de podas frequentemente.

A arborização deve ser feita através do plantio de árvores no meio urbano, levando em consideração o espaço e todo planejamento, pois a segurança e mobilidade dos cidadãos estão em primeiro lugar. Deve-se levar em consideração, também os conflitos com a rede elétrica.

Dentre os critérios adotados na escolha das mudas, verificar o tipo de raiz, escolher espécies cujas folhas não caem frequentemente é crucial para manter as calçadas intactas e limpas. Para garantir um bom sombreamento deve-se optar pelas mudas com copa densa e ampla deixando de lado as do tipo arbustivas, que além de não produzirem sombreamento, dificulta a passagem de pedestres. Árvores que dão frutos pesados também não são viáveis para a arborização urbana.

Na cidade do Recife as mudas mais utilizadas na arborização são os exemplares nativos como, o Ipê-Roxo, Pau-Brasil e Aroeira. Muitas dessas mudas são cultivadas no Jardim Botânico do Recife e distribuídas pela secretaria de meio ambiente e sustentabilidade nos bairros mais carentes de árvores.

A falta de árvores no Recife diz muito respeito ao aumento da quantidade de podas, realizadas de forma incorreta. O Recife foi arborizado na década de 1930\1940, graças a uma campanha da prefeitura. Na época foram plantados, oitizeiros, ficus e benjamim, mas essa arborização, hoje, infelizmente sofre com as podações feitas pela Celpe, que priorizam as fiações, enquanto sacrificam as árvores, tão importantes nos ambientes urbanos.

A função das podas são adaptar a árvore ao local onde está fixada. Ela deve ser feita por alguém que entenda, evitando a entrada de fungos e bactérias, que podem apodrecer

os galhos e troncos podendo comprometer a árvore por inteiro.

Segundo o manual de arborização do Recife, a poda consiste na remoção de galhos, inflorescências ou folhagens, com a finalidade de promover o desenvolvimento adequado da planta. Mesmo assim muitas das podas realizadas no Recife arrancam os galhos das árvores, deixando só o topo da copa e cortes assimétricos também são veementes causando a quebras nos troncos ou até mesmo escorregamento das raízes.

O mesmo manual Considera três tipos básicos de poda: Formação e condução - Inicia-se no viveiro, observando-se o cuidado quanto à definição das três galhas (pernadas) a uma altura mínima de 1,80m, observando-se as características do tipo de crescimento simpodial ou monopodial. Limpeza - Consiste em cortes, eliminando galhos secos, epicórmicos e/ou com problemas fitossanitários. Correção - Consiste em corte de galhos com a finalidade de reequilibrar a árvore.

As plantas exercem função ecológica, no sentido de melhoria do ambiente urbano, e estética, no sentido de embelezamento das vias públicas da cidade. É importante que sejam implementadas leis municipais na cidade que visem um manejo adequado para arborização nas ruas. O plantio, a condução das mudas e podações, devem ser feitas por alguém que entenda do assunto. Deve-se recorrer a extrações só quando necessárias.

Sabemos que preservar é um bem necessário por isso cultivar árvores nos grandes centros urbanos deixam as cidades mais verdes e mais bonitas. O problema da falta de árvores no Recife vem sendo banalizado, precisando apelar pela consciência ecológica dos



Foto: Elaine Guimarães



MODA

Dando uma chance a Moda Sustentável: Do Lixo ao Luxo

Nada se perde tudo se transforma

Por: Camila Rabelo

Reducir o impacto ambiental e social é o que conduz quem trabalha com a moda sustentável, também conhecida como EcoFashion. Das suas etiquetas à finalização da peça, já enxergamos suas preocupações com o vestir consciente. Usar materiais recicláveis, orgânicos e ecológicos é apenas uma das certezas. O setor vestuário é o segundo maior poluente do planeta, perdendo apenas para o petrolífero, com isso muitas indústrias do ramo da moda nos dias de hoje procuram respeitar o meio ambiente levando em consideração o impacto produtivo nas alterações climáticas. Essa atividade ganhou potência em países da Europa, aqui no Brasil esse movimento ainda engatinha, mas aos poucos as pessoas que vestem esse tipo de roupa começam a entender que tudo tem um impacto no meio em que vivemos.

Já dizia a estilista Coco Chanel que revolucionou a moda feminina na metade do século passado, "A moda não é algo presente apenas nas roupas. A moda tem a ver com idéias, a forma como vivemos, o que está acontecendo". Significativamente essa frase se torna totalmente atual. Em inúmeras partes do mundo surgem produções visando à criação de tecidos ecologicamente corretos e biodegradáveis. Enquanto alguns tecidos como couro e nylon demoram cerca de cinquenta anos para se decompor de maneira adequada e completa no meio ambiente a Ecofashion com suas roupas planejadas a partir de composições orgânicas tem aumentado em seu investimento, produção e consumo. Algumas grifes tem arriscado nessa nova tendência e já realizam seus desfiles com seus modelos sustentáveis. Aqui no Recife não tem sido diferente, algumas marcas já estão se

enveredando por esse caminho. A Refazenda é uma delas, a grife que já está no mercado há vinte e seis anos tem como princípio a responsabilidade socioambiental, com a preocupação desde sua plantação, fiação, tecelagem, montagem até a distribuição. Com lojas nos shoppings Recife e RioMar a marca já atinge um público amplo, pois já não tem mais a ideia de ser "fashionista", ou seja, ela não busca ser uma moda efêmera, tendenciosa, aquela que lança hoje e amanhã já é substituída por outra, e sim uma força que veio para ficar.

Com roupas produzidas a partir de materiais reutilizados e fibras orgânicas, a Eco Fashion ainda tem um alto custo. Um dos sócios da Refazenda, Marcos Queiroz comentou que o "descarte" de um produto, resultante de uma modificação industrial, é tão importante e caro



Foto: Divulgação /Vitrine de Shopping

quanto o próprio produto gerado, porém o investimento neste setor vale a pena, por legitimidade e filosofia de vida. A consumidora assídua da moda sustentável a estudante Giovanna Ferreira, 17 anos, conta que não conhecia esse novo “estilo” até que fez sua primeira compra numa loja que trabalha com roupas ecológicas, daí em diante começou a se conscientizar da importância desta “onda ecológica”.

Ela ainda afirma que o produto é mais puro, dá uma sensação de bem estar além de ter uma qualidade maior, conforto e toque agradável. Um exemplo brasileiro que se dedica ao Eco-fashion é a marca de sapatos Melissa, os calçados de plásticos são feitos a partir do material PVC recicláveis, seu procedimento garante o desenvolvimento de todo material e a reutilização de suas sobras. Além disso, os resíduos liberados ao meio ambiente são tratados e absorvidos.

CONHECENDO MAIS SOBRE MODA VERDE

A coordenadora do curso de Moda da Facul-

dade Senac no Recife, Danielle Simões, nos ajudou a entender um pouco mais sobre a moda verde falando sobre os tecidos mais utilizados nas produções de peças sustentáveis, é o caso do S. Café, que ainda está em fase de teste e é feito a partir da sobra do pó de café após ser coado, uma empresa chamada Thimberland fez seu uso na produção de botas. A borra de café tem inúmeras utilidades, uma delas é a facilidade de reter odores. Boa parte dos refugos de café tem vindo da Starbucks.

pode ser aproveitada pois há nela restos dos fixadores químicos colocados no tingimento.

CENÁRIO

Numa perspectiva mundial, grandes marcas já estão investindo nesta direção. Lojas de departamento que são mais resistentes a mudanças, também já estão lançando-se ao ecodesigner. Coleções inteiras já estão sendo feitas a partir de algodão orgânico ou tecido reciclado. No Brasil este recurso ainda está sendo pouco explorado. Alguns estilistas e empresários do ramo tem enxergado nesse campo um nicho pra uma grande oportunidade. Porém o consumo dessas roupas tem um alto custo. Desafios ainda serão enfrentados, tanto para quem quer produzir, revender ou consumir estes produtos. O segredo está na valorização da peça, aliando a conscientização ambiental, envolvendo também os compradores de baixa renda, disseminando esforços para conservação de produtos naturais.

ALGUNS TECIDOS SUSTENTÁVEIS

Vamos começar falando do Crailar, é uma fibra de linho que rapidamente reduz o uso de produtos químicos e de água. Parecido com o algodão tradicional, e evita o ciclo do dano ambiental que o algodão original causa. O Econyl é um tecido reciclado que utiliza 100% dos resíduos das redes de pesca feitas de nylon. O tecido de urtiga pode ser considerado um dos tecidos mais sustentáveis, além de produzir uma fibra têxtil bastante forte, elástica, leve e naturalmente retardadora de fogo. Ainda existem as fazendas do tipo madeira, que se dá a partir das cascas das árvores, que pode ser aplicados na confecção de roupas e até mesmo móveis. Tecidos fabricados através da proteína do leite, fibras de bambu e biológicos são biodegradáveis e propicia maciez, tornando-se um componente agradável para as quatro estações do ano, não necessitam de fertilizantes e pesticidas, o que faz a planta se desenvolver mais rápido e saudável.

“
A moda não é algo presente apenas nas roupas. A moda tem a ver com idéias, a forma como vivemos, o que está acontecendo

Outro tecido muito usado é o de Urtiga, a planta é uma alternativa vantajosa em relação a outras fibras naturais como o linho e o algodão. “O plantio de algodão é extremamente devastador”, comentou Danielle, para o meio ambiente o cultivo de algodão é preocupante pelo controle que se faz no solo, sua acomodação e seu uso intensivo de água, fora a quantidade de pesticidas usados para o controle de pragas, embora ele seja um tecido natural tem se tornado um grande problema, tornando o tecido de Urtiga cada vez mais importante. A mesma reflexão vai para os corantes. Mesmo sendo corantes naturais o processo de tingimento consome tanta água que é um descarte muito grande e está água dificilmente

Foto de: Camila Rabelo / Giovanna Ferreira, 17 anos, estudante





UNINASSAU



P R E S

E R V

A Ç Ã O

VOCÊ ESTÁ FAZENDO
A SUA PARTE?

REDUZIR.
REUTILIZAR.
RECICLAR.

05 DE JUNHO
DIA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE.